



Saúde e Estética na TV Aberta¹

Viviane Possa PATRÍCIO²

Najara Ferrari PINHEIRO³

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

RESUMO

Os meios de comunicação, em especial, a televisão, abrem cada vez mais espaço para a divulgação de informações de caráter científico, promovendo e popularizando esse discurso. Os canais abertos de TV exibem diversas matérias abordando a promoção e a prevenção da saúde em telejornais, telerrevistas e em programas de entretenimento. No entanto, ainda são raros os programas que se dedicam à temática especificamente. Entre os poucos programas que focalizam o tema, destacamos o “Vida e Saúde”, programa veiculado aos sábados pela manhã, na RBSTV/RS. Neste programa, o discurso da ciência focalizando a saúde masculina confunde/aproxima conceitos e, nessa aproximação, estética e saúde se tornam conseqüência um do outro, borrando os limites entre ambos. Como resultado parcial da pesquisa⁴, este artigo objetiva determinar quais quadros e quais temáticas/assuntos relativos à saúde masculina são apresentados/abordados no programa “Vida e Saúde”, destacando o enfoque em que estética e saúde se imbricam de modo a não se perceber a distinção entre um e outro.

PALAVRAS-CHAVE: popularização da ciência; saúde masculina; estética; televisão

INTRODUÇÃO

Os canais de televisão aberta exibem, dentre uma variedade de produtos, informações sobre saúde em diversos telejornais, telerrevistas e programas de entretenimento. Esse processo de veiculação de informações sobre saúde permite que o conhecimento científico se aproxime da população ainda leiga. Nesse processo de transmissão de conhecimentos o Jornalismo Científico tem por objetivo, em tese, levar as informações sobre ciência para a população, por meio de uma linguagem a ela compreensível. É o jornalista que desempenha o papel de ‘traduzir’ a linguagem técnica dos cientistas para a população em geral.

¹ Trabalho apresentado IJ 06 - Interfaces Comunicacionais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Fisioterapia da UCS. email: viviane_pesquisa@yahoo.com.br

³ Professora do Centro de Ciências da Comunicação da UCS-RS. Coordenadora da pesquisa Mosaico de vozes: o discurso sobre saúde na TV Regional. Pesquisa de pós-doutorado UFSM/PPGL-LABLER/CNPq. email: najaraferrari@gmail.com

⁴ Pesquisa sob a coordenação da Prof^a Dr^a Najara Ferrari Pinheiro com apoio CNPq, Edital MCT/CNPq N^o 14/2010 - Universal / Edital MCT/CNPq 14/2010 - Universal



O jornalista, no caso da popularização da ciência, serve de ponte entre o cientista e o público não especializado. Além de veicular as informações as quais teve acesso e dispõe, deve também promover a discussão de temas que agreguem algum conhecimento à sociedade, fomente o debate e o desenvolvimento de atitudes que reflitam na qualidade de vida da população.

Embora se adote a expressão “processo de popularização da ciência”, deve-se refletir sobre o uso de expressões como “disseminação da ciência” e “divulgação da ciência”. Segundo Rios et al (2005) as formas de divulgar as informações científicas podem se dividir da seguinte maneira: quando a informação é direcionada para um público especializado, se denomina disseminação; quando se trata de direcionar as informações para o público em geral podemos chamá-la de divulgação. A diferença principal é que a divulgação científica não utiliza discurso científico, já que sua intenção é facilitar a compreensão da ciência pelo público despertando, assim, o seu interesse.

De acordo com Marques de Melo (2003) e Rios et al (2005) o Jornalismo Científico no Brasil iniciou na década de 60 com a criação de “O Correio Braziliense”, o primeiro jornal brasileiro. Durante todo o século XIX, encontramos na história da imprensa brasileira evidências de ações isoladas destinadas a registrar fatos e difundir inovações científicas e tecnológicas. Porém, somente nos anos 60 se criou no país a consciência pública em torno da divulgação da ciência. Essa consciência foi determinada, em grande parte, por acontecimentos científicos de grande repercussão, como a corrida espacial EUA-URSS e os transplantes de coração realizados simultaneamente na África do Sul e no Brasil.

Nos anos 70 com a criação da CAPES e do CNPq, o Jornalismo Científico ganha espaço nos veículos de comunicação. Surgem assim, na década de 80, as revistas de divulgação científica. Também nessa época, com o crescente interesse do público, surgiram os programas de televisão com o mesmo intuito, entre eles, pode-se citar, por exemplo, o *Globo Ciência*⁵ de 1984.

⁵ É o programa de divulgação científica que tem se mantido por mais tempo no ar, na televisão brasileira, desde 1984. Traduz os conceitos da ciência e tecnologia de uma forma fácil para a compreensão do público, fazendo com que este perceba como a ciência pode trazer melhorias para o dia-a-dia do espectador.



Na TV aberta, os programas/quadros sobre ciência “fundamentais para o desenvolvimento e fortalecimento de uma sociedade justa e equilibrada disputam a atenção do telespectador em meio a múltiplos programas de diversos temas”, os jornalistas recorrem a entrevistados, normalmente especialistas na área (representando a voz do cientista), que irá apresentar “novos conhecimentos” (Siqueira, 1999).

A informação é passada de forma rápida, algumas vezes inclusive sem sua devida “tradução” ao público leigo. Isso pode acontecer por diversos motivos, entre eles a urgência da vida contemporânea. Porém vale pensar que o fato de o tempo ser escasso (e caro) na televisão também implica no aumento dessa rapidez.

Ora, o tempo é algo extremamente raro na televisão. E se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas tão fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas. (BOURDIEU, 1997 p. 23).

Essa relação entre a agilidade e coisas fúteis que se tornam importantes pode ter relação com a abordagem dos conteúdos, com o enfoque ou a agenda que pauta a mídia e transforma fatos comuns em notícias. Essa agilidade no fluxo de informações pode gerar certa dificuldade na compreensão das mesmas. Para evitar incompreensões, a informação é constantemente retomada para que o público não se perca. Pinheiro (2004, p.23) afirma que as “dinâmicas de produção e de recepção (são) marcadas pela emergência e pela velocidade, requeridas por um público que não suporta o velho, mas também não assimila o “novo” totalmente remodelado.”.

A apresentação dos temas/assuntos na primeira parte do programa é constantemente retomada e anunciada ao longo do mesmo. “Vida e Saúde” apresenta novas perspectivas, novos olhares para assuntos já conhecidos. Essa roupagem tem relação direta com o formato do programa, com as decisões em reuniões de produção, com as temáticas abordadas que contribuem, também, para tornar o programa mais atraente para o público.

No papel de mediador, os jornalistas tratam os temas para torná-los mais acessíveis à população. Bordenave (2002) afirma que o termo “mídia” nos leva a pensar em uma “mediação” entre a realidade e as pessoas. Ou seja, o que se vê na mídia não é a realidade, mas uma construção dela.



Cria-se assim uma “ilusão referencial”, segundo a qual o leitor, ouvinte ou televidente acredita que o que lê, ouve ou vê na tela é a realidade, quando, na verdade, não é senão uma “construção” da realidade. (BORDENAVE, 2002, p. 81)

Assim, essa construção se dá por meio das mediações utilizadas durante a elaboração do discurso apresentado na mídia, o que nem sempre deixa claro para o espectador a informação real, aquela que objetivamente deveria atingi-lo. As mediações criam uma nova construção da realidade, que tende a ser interpretada como irreal, já que as informações se confundem e acabam perdendo sua autoria original.

Além disso, com tantas formatações, as informações acabam perdendo sua autoria original. Afinal, quem é o autor das informações veiculadas: o editor, o repórter, o cientista ou o especialista que explica os termos técnicos? Cada um acrescenta dados e tem uma parcela de autoria e responsabilidade (SIQUEIRA, 1999, p.66).

Com as mediações empregadas nem sempre fica claro para o espectador a informação real, mesmo que a mediação realizada pelos meios de massa facilite a compreensão do público e o aproxime da ciência. As notícias, informações ou comentários realizados podem direcionar ou influenciar o espectador para que ele “forme” sua opinião com base no que é dito sobre os assuntos abordados. Dentre esses assuntos é interessante ressaltar aqui a ciência, a qual, muitas vezes é apresentada em forma de espetáculo, associada pelo público à ficção científica ou à magia da natureza, como acontece, por exemplo, no Globo Repórter. Essa espetacularização pode diminuir a credibilidade do conhecimento que é divulgado (Siqueira, 1999).

Essa mediação, ou nova “construção” da realidade no jornalismo científico acaba por fazer com que o cientista tenha a sua fala traduzida pelo jornalista, resultando, em alguns casos no comprometimento das informações científicas.

Na concepção de Siqueira (1999)

A construção discursiva do receptor se dá por meio dos múltiplos discursos, das múltiplas vozes a que ele se expõe e é exposto socialmente. O discurso contemporâneo da televisão (e dos demais meios de comunicação de massa) se constitui numa complexa cadeia polifônica, entrecruzada pelos sentidos que lhe dão várias vozes de vários campos (do trabalho, da técnica, da publicidade) (SIQUEIRA 1999, p. 56).



No programa temos diversas vozes⁶: a da jornalista que fica no estúdio, a do repórter que vai a campo e fala com o entrevistado que, por sua vez, pode ser a voz de um cientista, um técnico, ou mesmo de alguém que simplesmente participa do grupo ao qual a matéria faz referência.

A pesquisa da qual esse artigo se origina, focaliza os quadros que abordam a saúde masculina. Este artigo, como resultado parcial, objetiva determinar quais quadros e quais temáticas/assuntos relativos à saúde masculina são apresentados/abordados no programa Vida e Saúde

A saúde masculina no programa “Vida e saúde”: o percurso da investigação

A pesquisa “Mosaico de vozes: o discurso sobre saúde masculina na TV regional” desenvolve a análise do programa “Vida e Saúde.” Foram acompanhados um total de 21 programas da telerrevista regional “Vida e Saúde”, exibidos pela RBS/TV-RS, no período de agosto de 2010 até dezembro de 2010.

Num programa de entrevistas há, no mínimo, três saberes se inter cruzando: o do leigo, indivíduo que faz o seu relato subjetivado, com o qual o telespectador se identifica, para ser lido e interpretado pelo especialista; o saber do próprio meio televisivo, que lança mão de artifícios para tornar os discursos compreensíveis e intercambiáveis – aqui a mediação do apresentador é importante; e o saber do especialista que fala a partir de um campo científico, mas para fora dele, o que exige um exercício de clareza de modo a ser melhor compreendido, mesmo que não explique exatamente tudo e que se obrigue a lançar mão de muitas metáforas. (PITTA, 1995, p 45)

O programa é uma telerrevista de exibição semanal, aos sábados pela manhã. Segundo o site, o telespectador (ou, como se referem, “você”) pode acompanhar entrevistas e reportagens sobre saúde, nutrição, atividade física, beleza, comportamento e terapias alternativas. O foco das matérias propõe uma preocupação com uma estética agradável, boa forma e a conservação da juventude, em uma associação constante de estética e saúde, confundindo os conceitos. O programa parece reproduzir a idéia de Acharán:

⁶ As diferentes vozes, na concepção de Bakhtin são conceituadas como polifonia: “a unificação das matérias mais heterogêneas e mais incompatíveis”, assim, vozes independentes se misturam na elaboração do discurso, gerando uma multiplicidade de sentidos. (BAKHTIN, 1981, p. 12)



O homem ou a mulher são tem corpo e rosto formosos, porque saúde e beleza são termos equivalentes e ambos significam normalidade, não podendo existir uma destas condições sem a outra. (ACHARÁN, 2003, p. 80)

As telerrevistas, como pode ser classificado o programa Vida e Saúde da RBSTV/RS, mostram “uma visão encantada do mundo, mesclando “ficção” e realidade. (...) Geralmente vão ao ar nos finais de semana (...) tem cenários mais trabalhados, mais coloridos, onde se permite maior criatividade.” (Siqueira, 1999, p 94).

Por ser exibido no sábado, final de semana e, portanto, um dia em que muitas pessoas começam seu descanso, o programa utiliza-se de linguagem informal, tem um ‘tom’ leve, procurando maior aproximação com o telespectador ao tratá-lo por “você”. O uso do você é um modo de manter um tratamento direto que permite uma quase interação com o telespectador a partir do efeito de construção de um diálogo entre apresentadores e telespectadores. Esse recurso do uso do você para personalizar e individualizar no grupo de telespectadores (vocês) é uma estratégia de personalização sintética (Fairclough, 1995). Além disso, o uso de frases curtas permitem que o telespectador apreenda e compreenda mais facilmente as informações. Também podem ser um recurso para que o telespectador reflita sobre as mesmas. Por outro lado, essa rapidez com que a informação é tratada pode fazer com que o telespectador nem pense direito sobre elas.

O programa, em geral, é baseado em entrevistas com especialistas na área. Sobre isso, Siqueira afirma:

Há ainda os programas de entrevistas, espaço no qual um dos temas mais discutidos é saúde. Neles, médicos e demais profissionais da área são chamados para dar depoimentos sobre determinados problemas.(SIQUEIRA, 1999, p. 69)

No “Vida e Saúde” as entrevistas são realizadas por editoras e repórter, onde se discute com os especialistas diversos temas relacionados à saúde e bem-estar.

Os quadros têm duração média de seis minutos e cada programa é composto por seis quadros, divididos em três blocos. Na pesquisa, o objeto de estudo está limitado ao enfoque sobre saúde masculina. Nesse sentido, foram selecionados, para análise, aqueles quadros que dizem respeito a saúde masculina, sendo isso dito explicitamente ou não. Como já expressei, foram acompanhados, entre agosto de 2010 e dezembro de



2011 um total de 21 programas. Deste total, apenas dois apresentam programas voltados ao público masculino especificamente e um que se relaciona com as práticas tidas como de cuidados com a saúde masculina e, por isso, destacado e analisado aqui.

Vida e saúde: quadros e temáticas

O programa apresenta matérias normalmente relacionadas aos cuidados com saúde, beleza e bem-estar, em um ambiente diferente e descontraído, conversando com os especialistas em seu local de trabalho ou em locais pertinentes à matéria, por exemplo, na academia em uma matéria sobre musculação.

Dos 21 programas que foram acompanhados, com um total de 126 quadros, apenas 3 deles tinham relação com a saúde masculina. Para este trabalho dirige-se o olhar para o programa do dia 14/08/2010. Nesse programa é apresentada a matéria sobre ganho de massa muscular.

Nos magazines televisivos é comum falar-se sobre os benefícios dos exercícios físicos e seus efeitos na saúde do indivíduo. Curiosamente, em toda a matéria, não há menção alguma sobre os benefícios do exercício à saúde do seu praticante, muito menos ao fato dos exercícios associados à alimentação equilibrada alicerçarem uma velhice saudável. Em contrapartida, é constante a evocação de um corpo bonito, sarado.

Logo no início da matéria a repórter (Flávia Marroni) diferencia, seguindo o senso comum, os objetivos de homens e de mulheres na academia, direcionando claramente sua abordagem para o público masculino.

Mesclando sua fala com entrevistas e informações sobre o assunto, a apresentadora diz: “muitos homens querem ficar sarados, fortes, musculosos” e na sequência destaca “homens que querem turbinar o visual”. As frases reforçam a idéia de que a academia é para cuidar da estética. No entanto, na entrevista, o depoimento do entrevistado revela que seu objetivo é outro, buscar o equilíbrio. Ele diz: “meu objetivo inicial nunca foi ser muito grande, mas sim equilibrar”.

Nessa fala podemos ver que o conceito de saúde se aproxima da definição da organização Mundial da Saúde (OMS). De acordo com essa organização, saúde é uma “situação de perfeito bem-estar físico, mental e social” do indivíduo. Ou seja, o



individuo para ser saudável não deve ser nem “mais” e nem “menos”, mas sim o equilíbrio.

Percebe-se que o entrevistado não é, de fato, provido de muito volume de massa muscular, muito provavelmente para evitar os extremos e permanecer no padrão de equilíbrio consensualmente definido e socialmente construído de “físico bonito e saudável”. A matéria se direciona à hipertrofia, aumento de massa muscular, porem concentra sua atenção em um individuo que não apresenta de fato, um físico forte.

Na grécia antiga, por exemplo, os homens eram considerados belos e valorizados pelo seu grande volume de massa muscular, sendo exultados em diversas esculturas e pinturas como fortes, viris e saudáveis. “Escrituras remotas indicam que os treinamentos com pesos e competições de força foram populares na Grécia antiga, pelo menos por volta de 557 a.C.” (GARRET Jr, KIRKENDALL, 2003. p. 861)

Quando se fala em corpos fortes, em hipertrofia, somos remetidos aos fisiculturistas, por exemplo, seus ganhos são tidos como “patológicos” justamente por serem considerados “excessivos”, assim o programa se detém em ganhos moderados considerados dentro do padrão socialmente aceito de corpo saudável. Um atleta com grande volume de massa muscular muito provavelmente não daria a idéia de saúde e equilíbrio, foco do programa, mas sim de um usuário de drogas, um “bombado” como podemos ouvir pelas ruas e em academias de musculação. Schwarzenegger E Dobbins (2003) consideram que essa atenção é desproporcional e que isso ocorre em diversos esportes:

Embora muitos outros esportes também sejam atormentados por problemas com esteróides anabólicos e outras drogas que melhoram o desempenho, a atenção do público tendeu a concentrar-se desproporcionalmente no mundo da competição física. (SCHWARZENEGGER e DOBBINS, 2003, p. 39)

O quadro se aproxima de um manual educativo sobre o ganho de massa muscular, com dicas “simples” para atingir os objetivos. As “regras” se alternam com as falas dos especialistas e são numeradas e separadas com o sugestivo desenho de um boneco levantando pesos. As dicas ignoram as diferenças entre os indivíduos, como a idade, a situação corporal que podem se encontrar (Acima do peso? Abaixo? Problemas de coluna? Nos joelhos? Doenças cardíacas?) e desta forma, não abrange a necessidade



de uma adaptação mais lenta, às demandas individuais, assim como os objetivos específicos de cada praticante. Trata do assunto de maneira generalizada, a partir de um padrão não definido previamente. O que parece importar é a exaltação da estética. Ou seja, há uma preocupação em tratar a saúde também como estética.

A busca do corpo perfeito, nem sempre equilibrado, ressurgiu e para Baudrillard (1995), é redescoberta a partir da libertação dos indivíduos de dogmas de puritanismo. Para o autor,

A sua redescoberta (do corpo) após uma era milenária de puritanismo, sob o signo da libertação física e sexual a sua onipresença (...) na cultura das massas – o culto higiênico, dietético e terapêutico com que se rodeia, a obsessão pela juventude, elegância, virilidade/feminilidade, cuidados, regimes, práticas sacrificiais que com ele se conectam, o mito do Prazer que o circunda, tudo hoje testemunha que o corpo se torna “objeto de salvação”, substitui literalmente a alma, nesta função moral e ideológica. (BAUDRILLARD, 1995, p.136)

Na mídia o corpo aparece como sendo a principal fonte de preocupação dos indivíduos, há uma busca constante para mantê-lo jovem e belo. A matéria reforça esse comportamento uma vez que é direcionada principalmente à estética, não à saúde. No entanto, os limites entre um e outro estão borrados, e os cuidados com a estética e com a saúde parecem ter o mesmo sentido.

A matéria alterna cenas do entrevistado comendo e realizando exercícios físicos, com as dicas dos especialistas: um educador físico, falando na academia, sentado em um dos aparelhos de musculação; e a nutricionista, em um ambiente doméstico, exibindo pratos que nos levam a pensar num estilo de vida equilibrado, porém com porções bastante reduzidas, o que muito provavelmente não supriria a demanda do nosso entrevistado, naquelas quantidades.

A nutricionista sugere, por exemplo, para uma refeição pré-treino: “iogurte de fruta, uma banana e uma colher de granola. Seria já suficiente para... Uma alimentação equilibrada para ir à academia”. Considerando que a porção é bastante reduzida, percebe-se que ela se adequa a uma parcela pequena de indivíduos.

O educador físico fala sozinho, alternando sua linguagem técnica com o parecer do entrevistado. Essa alternância parece servir para a tradução de sua fala. O



educador físico dá seu parecer sobre uma pessoa que queira ingressar em uma atividade física: “basta ela querer, ter disponibilidade de tempo pra isso. Disciplina, isso é fundamental”.

Entende-se que a saúde é responsabilidade do indivíduo, que este deve ser pró-ativo na construção de um corpo saudável. Para Helman (1994) tudo isso é, na realidade, uma reprovação moral à preguiça e a falta de controle do indivíduo sobre ele mesmo:

Entretanto, a cultura ocidental vê a “obesidade” como um problema de saúde, sendo também portador de um importante estigma social. Ritenbaugh ressalta que as descrições médicas das causas de obesidade – superalimentação e pouco exercício físico – são, em geral, apenas uma versão moderna da tradicional reprovação moral à gula e à preguiça, como também a falta de auto controle (HELMAN, 1994, p. 32)

Já a nutricionista, divide o espaço com a apresentadora e, aí sim, a jornalista traduz o discurso da ciência para o público telespectador, que pode ser também um público leigo no assunto.

A matéria acaba por mostrar um corpo atlético, reforçando a idéia de padrão equilibrado, ou seja, um corpo cuidado, mas sem exageros nem muito magro, nem muito musculoso. Essa representação de corpo esteticamente equilibrado informa também o perfil de um indivíduo saudável, sem exageros.

O atletismo encontra o modelo mais considerável (...) proposto em toda a parte pela publicidade, pelo cinema e pela literatura de massas: olho vivo, ombro largo, músculo fino e carro de desporto. (BAUDRILLARD, 1995 p. 180)

É interessante ressaltar que o entrevistado demonstra seu entusiasmo com os objetivos alcançados, como que buscando incentivar o telespectador que o assiste a fazer o mesmo, o que Popper toma como “não científico”, pois não justifica um enunciado científico:

Precisamos distinguir, de uma parte, nossas experiências subjetivas ou nosso sentimento de convicção, que jamais podem justificar qualquer enunciado (embora possam tornar-se objetos de investigação psicológica) e, de outra partem, as relações lógicas objetivas, que se manifestam entre os vários sistemas de enunciados científicos e dentro de cada um deles. (POPPER, 1972, p.45)



Popper ainda afirma que por maior que seja a convicção do indivíduo, isso não deve justificar o enunciado, o que nos leva a questionar sobre o valor científico do programa.

(...) a minha tese de que uma experiência subjetiva, ou um sentimento de convicção, jamais pode justificar um enunciado científico e de que, dentro dos quadros da ciência, ele não desempenha papel algum, exceto o de objeto de uma investigação empírica (psicológica). Por mais intenso que seja um sentimento, ele jamais pode justificar um enunciado. (POPPER, 1972, p.48)

Para a divulgação de uma notícia ou a elaboração de uma matéria, leva-se em consideração o fator do interesse humano. Burkett (1990) refere que as matérias que apelam para o lado emocional são frequentemente utilizadas com o intuito de levantar dinheiro para a instituição, o que não parece ser a intenção aqui, neste programa, porém destaca-se o ponto de vista de Burkett justamente pelo uso do apelo emocional para “contagiar” o telespectador com a experiência do entrevistado.

O interesse humano é frequentemente usado em esforços envidados para levantar dinheiro. O pessoal de relações públicas e os jornalistas apelam para a compaixão do leitor quando usam, em suas histórias, uma criança doente, aleijada ou excepcional. É uma técnica comumente usada por organizações privadas ou em audiências diante de comissões do Congresso, quando os orçamentos federais para pesquisa estão sendo discutidos. Descrever uma vítima sofredora que representa milhares ou milhões de pessoas que sofrem do mesmo mal provoca uma resposta mais forte que estatísticas. (BURKETT, 1990 P. 53)

Pode-se refutar esse tipo de argumento⁷, utilizando o que Copi (1968) chama de *acedente convertido (generalização apressada)*. O termo se refere à falácia que diz respeito ao uso de casos particulares que são tomados como universais.

Ao procurar compreender e caracterizar todos os casos de um certo tipo, uma pessoa pode, usualmente, prestar atenção a alguns deles. Mas os que são examinados devem ser típicos, não atípicos. Se se considerarem apenas os casos excepcionais e, precipitadamente, deles se generalizar para uma regra que só se ajusta a esses casos, a falácia cometida é o acidente convertido. (COPI, 1968, p.82)

No caso da matéria exibida utiliza-se um único praticante entusiasmado, que se aproxima do telespectador. Esse fato pode produzir resultados positivos e ter muito mais

⁷ Quando se utiliza um único caso, ao invés de estatísticas de pesquisas realizadas com um número considerável de indivíduos, por exemplo.



influência sobre ele do que estatísticas mais completas e elaboradas por pesquisadores, cientistas e divulgadas na mídia especializada. Ou seja, atribui-se a casos particulares valores universais, o que não pode ser tomado como um argumento válido, ou, neste caso, científico⁸.

Considerações Finais

Com as análises realizadas no período proposto, pode-se perceber que ainda há um grande campo da mídia inexplorado no que diz respeito à saúde masculina. Deve-se considerar a pluralidade de características de “ser homem”, sendo as masculinidades um processo em permanente construção e transformação.

Ainda há poucos quadros dedicados especialmente aos homens, sendo que entre os que pudemos observar, um (higienização dos utensílios utilizados para fazer churrasco) não se referia explicitamente ao público masculino, outro (ganho de massa muscular) focalizava principalmente na estética e o último (sobre disfunção erétil) usava de linguagem bastante técnica e polida, o que poderia levar ao desinteresse do telespectador.

O quadro analisado valoriza a saúde por meio da valorização da estética. Pode-se inferir, a partir da análise que aquilo que é belo, é saudável. A matéria também não demonstra os benefícios do exercício físico, além de um corpo “sarado”.

Reportando aos objetivos da pesquisa, tomamos como aspecto norteador deste trabalho a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: Princípios e diretrizes, de 2009, elaborado pelo Ministério da Saúde. Essa política prioriza os problemas de saúde masculina como problemas de saúde pública.

Desta forma, há o objetivo de promover ações de atenção integral à saúde masculina para estimular o auto-cuidado e, também, contribuir para que as realidades de doenças masculinas sejam reconhecidas. Do mesmo modo que os homens evitam os tratamentos, o universo de saúde masculina também não é compreendido e explorado pela mídia, de forma a não contribuir de maneira significativa com a política nacional

⁸ “Por exemplo, observando o valor dos narcóticos, quando administrados por um médico para aliviar as dores dos que estão gravemente enfermos, uma pessoa talvez seja levada a propor que os narcóticos deviam ser postos à disposição de todo mundo.” (COPI, 1968, p. 83)



de atenção integral à saúde do homem, no que se refere a incentivar o auto cuidado e a compreensão, por parte do homem, das práticas de promoção/prevenção que este deve ter em relação a sua própria saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail M. Problemas da Poética de Dostoiévski. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Edições 70. Lisboa, 1995.

BORDENAVE, Juan E, Diaz. Além dos meios e mensagens. 10ª edição. Ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão, seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997

BURKETT, Warren. Jornalismo Científico; como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990

COPY, Irving M, Introdução à Lógica, Ed. Mestre Jou, São Paulo, SP, 1968

FAIRCLOUGH, N. Media discourse. London: Edward Arnold, 1995.

GARRET Jr, William E. KIRKENDALL, Donald T. A Ciência do Exercício e dos Esportes. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HELMAN, Cecil G. - Cultura, saúde e doença. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1994

MELO, José Marques de. Trajetória acadêmica do jornalismo científico no Brasil: iniciativas paradigmáticas do século XX. Anuário Internacional de Comunicação Lusófona, São Paulo, Lusocom, v. 1, 2003.

MURTA, Genilda. Ferreira. Dicionário Brasileiro de Saúde. 2ª Edição. São Caetano do Sul, SP. Difusão. 2008

PINHEIRO, Najara Ferrari. A Marquetização no Discurso dos Magazines Femininos Televisuais. Disponível em URL: <http://www.bocc.uff.br/pag/pinheiro-najara-marquetizacao-no-discurso.pdf> acessado em 25/02/11

PITTA, Aurea M. da Rocha. Saúde e Comunicação: visibilidades e silêncios. Hucitec: Abrasco: São Paulo, 1995.

Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: Princípios e diretrizes/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas – Brasília: Ministério da Saúde 2009. Disponível em URL: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/politica_nacional_atencao_integral.pdf acessado em 21/02/11.

POPPER, Karl R. A lógica da pesquisa científica. Ed. Cultrix, São Paulo, 1972.

RIOS, Aline de Oliveira et al. Jornalismo científico: o compromisso de divulgar ciência à sociedade. Publicatio UEPG Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes, Ponta Grossa/Paraná: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005, p. 113-119.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Londrina – PR - 26 a 28 de maio de 2011

SCHWARZENEGGER, Arnold; DOBBINS, Bill. Enciclopédia de fisiculturismo e musculação. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. A ciência na televisão; mito, ritual e espetáculo. São Paulo, Annablume, 1999